

Revista trimestral do Programa Europeu LEADER II

LEADER II magazine

LEADER magazine [mai-juin-juillet 1998] - chaussée St-Pierre 260, B-1040 Bruxelles - Bureau de dépôt Bruxelles X

Primavera 98 n.º 17

**0 recurso-
-património**

Irlanda

Frísia

Barbagia-Baronie





País: Espanha
Ação realizada: moinho-ecomuseu
Custo: 382 000 ECU
UE: 125 000 ECU
Outros fundos públicos: 178 400 ECU
Privado: 78 600 ECU

“Aberto em 1995, o ecomuseu de San Roman é dedicado à vida rural tradicional e à exploração da água como fonte de energia. A reabilitação deste moinho de água inclui uma inovação arquitectónica: um chão transparente permite observar o funcionamento das antigas mós em perfeito estado de conservação. O sítio, além de ser o ponto de partida para passeios pedestres e em bicicleta na Sierra de los Cameros, possui também seis alojamentos turísticos num dos andares do edifício. Diversas manifestações culturais (concertos, exposições, conferências) e desportivas, organizadas ao longo do ano, completam a animação do local.”

Gil Esteban Gordon,
Responsável LEADER



País: Irlanda
Ação realizada: “Fórum dos Festivais Locais”
Custo: 64 072 ECU
UE: 22 661 ECU
Outros fundos públicos: 11 411 ECU
Privado: 30 000 ECU

“Os vários pedidos de cofinanciamento LEADER provenientes de organizadores de acontecimentos locais, levaram o nosso GAL a organizar um “Fórum dos Festivais Locais”, para melhor estruturar o apoio à organização de festas populares e outras manifestações culturais. O Fórum coordena a assistência financeira e técnica aos projectos, facilita a sua promoção e encoraja os organizadores a partilharem as suas ideias e saber-fazer para uma melhor coerência e qualidade na programação.”

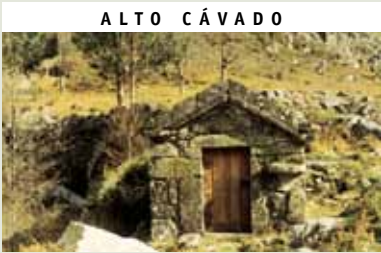
Anton Barrett,
Coordenador LEADER



País: Finlândia
Ação realizada: “A Aldeia dos Pescadores”
Custo: 85 885 ECU
UE: 25 404 ECU
Outros Fundos Públicos: 25 404 ECU
Privado: 35 077 ECU

“Esta acção inscreve-se no plano de desenvolvimento integrado de Lango, aldeia de forte identidade cujo território se estende por várias ilhas relativamente afastadas umas das outras. O projecto consiste na valorização de antigos edifícios portuários assim como de um abrigo de pesca situado numa outra ilha da aldeia. Um sistema de barcos, que fazem a ligação entre os dois sítios, foi também organizado para fins turísticos e recreativos. Formações técnicas, de contabilidade, informática, etc. destinadas aos operadores turísticos e aos empresários locais, complementam esta iniciativa.”

Fritz-Olle Slotte,
Chefe de projecto



País: Portugal
Ação realizada: restauro do património agrícola
Custo: 264 340 ECU
UE e outros fundos públicos: 171 821 ECU
Privado: 92 519 ECU

“O nosso território possui um grande número de construções de interesse cultural e etnográfico: granjas, celeiros, secadores e outros testemunhos da actividade agrícola tradicional. O apoio LEADER na reabilitação deste património valoriza a identidade local, cria um sentimento de orgulho e aumenta sensivelmente a atracção da nossa região, em benefício da população e dos visitantes.”

José da Mota Alves,
Presidente do grupo LEADER

Em poucas palavras...

Yves Champetier, *Director,*
Observatório Europeu LEADER

Em foco: a Irlanda 4



O dinamismo económico, social e cultural da Irlanda deverá ajudar este país, ainda muito agrícola, a enfrentar as ameaças que pesam sobre as zonas mais rurais.

Um trunfo para o desenvolvimento local: o recurso-património 7



Apoiando-se em vários exemplos, Michael Dower explica por que razão a valorização do património é uma componente incontornável do processo de desenvolvimento local. Três testemunhos de responsáveis LEADER.

A valorização do património na Frísia (Holanda): esta região plana que é a nossa 16



A Frísia vira-se para novas actividades para assegurar um futuro sereno. A identidade e o rico património desta região e a sua proximidade com os grandes centros urbanos deixam antever importantes possibilidades de desenvolvimento para o turismo cultural.

O património no coração do desenvolvimento da Barbagia-Baronie (Sardenha, Itália): a reconquista do interior 20



O desenvolvimento turístico da costa tende a asfixiar as zonas interiores da Sardenha. A valorização do seu património natural, cultural e histórico poderá contribuir para inverter esta tendência, atraindo os visitantes para o interior e abastecendo a costa com produtos locais de qualidade.

A abordagem LEADER inscreve-se num processo de longo prazo, já que se trata, para cada território, da construção do seu próprio futuro a partir dos seus recursos específicos. A recente apresentação pela Comissão das suas propostas sobre a futura política europeia de desenvolvimento rural e a nova Iniciativa Comunitária demonstra, como foi anunciado pelo Comissário Fischler no Colóquio LEADER de Novembro de 1997, que o apoio europeu nos próximos anos não faltará.

O tema do "património", tratado neste número, está precisamente no cerne deste processo de longo fôlego: quer seja natural ou cultural, paisagístico ou arquitectónico, histórico ou artístico, o rico património dos territórios rurais europeus representa, efectivamente, um recurso a valorizar e a colocar ao serviço de um novo desenvolvimento. Para certos territórios, o património constitui mesmo por vezes "o" recurso em torno do qual poderão articular-se a estratégia de redesenvolvimento e a vontade de forjar uma nova identidade local: é por exemplo o caso das "Terras do Cante" do Alentejo Centro (Portugal), do "Pays de Giono" no sul de França, do GAL "Don Quijote" em Castilla-La Mancha (Espanha), para referir apenas alguns casos.

São muitos os grupos LEADER que previram no seu programa de inovação rural acções a favor do património: aqui, são aldeias que se renovam, valorizando a sua beleza arquitectónica e melhorando os serviços às populações; ali, são os edifícios abandonados que se restauram, para albergar uma nova clientela turística à procura de autenticidade ou para acolher actividades de vanguarda; acolá, são as festas tradicionais que se fazem reviver ou novas festas que se inventam, para uma melhor distração e reforço dos laços entre as populações, mas também para valorizar uma identidade renovada, permitindo-lhes uma projecção no futuro.

O artigo de Michael Dower, os testemunhos de três responsáveis LEADER de Espanha, França e Grécia, as reportagens efectuadas na Frísia (Holanda) e na Barbagia-Baronie, na Sardenha, mostram como as zonas rurais em dificuldade procuram - muitas vezes com sucesso - valorizar o passado para construir o futuro. Todos referem também a indispensável ligação a criar entre património e dinâmica local, para que as acções conduzidas neste domínio acabem sempre por ser realizadas por e para as populações locais, e para que sejam portadoras de novos empregos e de novas actividades.

O património é também tema de múltiplos projectos de cooperação entre territórios: assim, quatro grupos LEADER juntaram-se em torno da valorização de uma rota de Santiago de Compostela; dois grupos de acção local da Irlanda e da Escócia, em cujos territórios existem abadias "geminadas", decidiram trabalhar em conjunto; vários GAL da bacia mediterrânica preparam uma cooperação para federar sítios da antiga "Grande Grécia", etc.

Por fim, a valorização do património pode ser ainda motivo de solidariedade entre territórios. É a esta solidariedade que nos convidam os grupos LEADER de Úmbria e de Marches em Itália: estas duas regiões foram abaladas, desde o Outono de 1997, por uma série de sismos que, além de mergulharem estas populações no caos e na precariedade, danificaram gravemente o património cultural e destruíram um grande número de equipamentos construídos com a participação do LEADER. Com o apoio de Dario Fo, Prémio Nobel da Literatura, os grupos destas zonas sinistradas convidam todos os membros da rede LEADER a participar numa campanha de solidariedade em cada um dos territórios envolvidos na Iniciativa (*).

Solidariedade, cooperação, identidade reforçada ou renovada, novos empregos, novas actividades, processo de longo prazo, o tema do património encontra-se realmente no cerne da renovação dos territórios rurais europeus. <

(*) Ver a rubrica "LEADER em rede", página 23.



Em foco

A Irlanda

O dinamismo económico, social e cultural da Irlanda deverá ajudar este país, ainda muito agrícola, a enfrentar as ameaças que pesam sobre as zonas mais rurais.

Situada no Atlântico entre os paralelos 51º e 55º norte, a “Ilha Esmeralda” beneficia da influência da Corrente do Golfo, que lhe confere um clima doce e um longo período vegetativo, propício à agricultura. Os ventos oceânicos trazem chuva ao longo de todo o ano: até 2 000 mm/ano nas zonas montanhosas de oeste, 1 500 no interior da ilha, 750 na costa Este. A República da Irlanda (Eire), que cobre cerca de 83% da superfície da ilha, é relativamente pouco povoada (3,6 milhões de habitantes, ou seja, 53 hab./km²) apesar da existência de centros urbanos importantes: Dublin (915 000 hab.), Cork (174 000) e Limerick (75 000). Com solos geralmente menos férteis, a zona oeste do país sofre um declínio demográfico há mais de 150 anos (o despovoamento atingiu aqui 42% entre 1891 e 1951) e uma densidade de população ainda mais fraca.

A agricultura predomina

A agricultura é um sector económico ainda muito importante, embora não ocupe actualmente mais do que 10,6% dos activos e não represente mais de 10% do PNB e 24% das exportações em 1994. Os prados constituem 90% das terras cultivadas. A actividade agrícola é dominada pela pecuária bovina e ovina (80% do rendimento

agrícola). O leite e a carne bovina representam 71% da produção agrícola irlandesa, mas as produções vegetais estão a desenvolver-se e diversificar-se. O país conta também com um sector suíno (1 100 000 cabeças) muito produtivo. E a criação de cavalos já deu à Irlanda grande reputação internacional.

A maioria das actividades agrícolas encontra-se, de forma mais ou menos indistinta, por todo o país: geralmente, uma mesma quinta acumula a criação de vacas leiteiras, de vitelos e ovelhas, em paralelo com a produção de forragens. A zona oeste da Irlanda serve sobretudo para reprodução (bovinos, ovinos), e em seguida os animais são engordados nas planícies do leste, onde a técnica de ensilagem (que substituiu a colheita clássica do feno) permitiu a melhoria das condições técnicas de criação e da qualidade do gado. A criação de ovinos (6 000 000 de cabeças) está presente em toda a Irlanda.

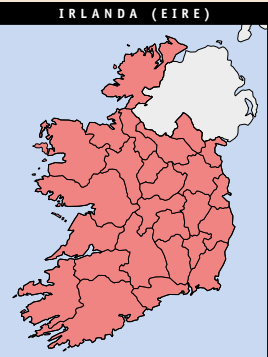
Se as produções de aveia, trigo e batata estão em franco declínio, as de cevada e beterraba açucareira aumentam: a produção de cevada (sudeste da ilha) foi multiplicada por doze desde a II Guerra Mundial. As culturas de legumes e de lúpulo estão em grande desenvolvimento na região de Dublin. Nas planícies centrais, explora-se intensamente a turfa, que serve de combustível e de estrume para o sector agrícola.

A agricultura irlandesa modernizou-se consideravelmente desde os anos 60, tendo conhecido um forte crescimento com a entrada da Irlanda na Comunidade Europeia, em 1973. Desde a instauração das quotas nos anos 80, a reflorestação constitui uma nova e muito dinâmica actividade.

Desdobrando-se em cerca de 149 500 explorações, as quintas cobrem em média uns 22 hectares, mas dois terços têm uma superfície inferior a 20 hectares, sendo muito mais pequenas nos condados do Oeste do que nas planícies centrais.

“Tigre celta”

Desde os anos 60, as políticas de desenvolvimento económico privilegiaram o sector industrial, incentivando sobretudo a implantação de empresas estrangeiras através de incentivos financeiros modulados em função dos objectivos económicos regionais (ajudas mais importantes na instalação de empresas no Oeste do país, por exemplo). Esta política industrial voluntarista prosse-



Superfície: 68 895 km²
Ocupação do solo: Florestas: 5 890 km² • Terrenos agrícolas: 43 890 km²
População: 3 626 087 habitantes (1996)
- 20 ans: 36,18% • + 60 ans: 15,24%
Densidade: 53 hab./km² (UE: 115 hab./km²)
PIB/habitante (1996): 14 515 ECU (UE: 18 074 ECU)
Taxa de desemprego (1996): 12,87% (UE: 10,9%)
Zonas elegíveis aos Fundos Estruturais (1995-1999)
Objectivo 1: 68 895 km²; 5,62 mil milhões de ECU

Ruralidade (1996)
População “rural” 48% da população total (UE: 14%)
Agricultura, silvicultura e pesca: 8,3% do PIB
Dimensão média das explorações: 22 ha (EU: 16,4 ha)
Turismo: 5,5% du PIB; 108 700 empregos (8,3% da população activa)

Objectivo 1

guiu até aos anos 80, tendo contribuído para uma forte expansão de sectores como a química, a farmacêutica, as telecomunicações e as altas tecnologias. Uma nova indústria conheceu assim um grande desenvolvimento: a dos componentes e sub-conjuntos micro-electrónicos, em que a Irlanda se situa entre os cinco primeiros produtores mundiais. Quanto ao turismo, que se desenvolveu imenso (3 681 000 visitantes em 1994), é objecto de uma política muito atenta.

A República da Irlanda é, simultaneamente, um Estado-membro e uma Região da União Europeia. Inteiramente classificada como de Objectivo 1, beneficia, contudo, de um crescimento económico forte em relação aos seus parceiros europeus: o PIB irlandês aumentou de 3 para 7% ao ano neste último decénio. Dos 61,8% da média comunitária que representava aquando da entrada da Irlanda na CEE, atinge presentemente 80,3% do PIB médio da Europa dos Quinze. Paralelamente, a emigração diminuiu significativamente e a urbanização acelerou. Designada por “Tigre celta”, a Irlanda atravessa actualmente um verdadeiro “boom” económico, que não beneficia, contudo, a totalidade do país: as zonas mais rurais são ainda afectadas por problemas importantes. O declínio da agricultura exige uma diversificação em grande escala da economia rural, em particular nas zonas submetidas ao êxodo persistente e em alguns condados do noroeste, onde o sector primário ocupa ainda 70% dos activos.

Tentou-se no passado, através de importante legislação, melhorar a situação dos rurais: acesso à propriedade por parte dos rendeiros mais modestos, alargamento das explorações agrícolas mais pequenas, melhoria das infra-estruturas (nomeadamente distribuição de água e electricidade), incentivo à instalação de famílias de zonas do litoral “sobrepovoado” para as planícies centrais. Apesar disso, o êxodo dos jovens rurais continua, o que cava mais fundo o fosso entre os campos, onde uma certa qualidade de vida está hoje ameaçada, e os centros urbanos (Dublim e Cork) onde se concentram os empregos, os serviços e as polos de decisão públicos e privados.



Conversão de uma antiga azenha
em centro de empresas (zona LEADER Wexford)

Um país “natureza”, uma população jovem e bem formada

A “Verde Erin” beneficia de uma forte imagem “natureza”: a Irlanda é relativamente pouco poluída, devido à sua industrialização tardia, baseada em empresas modernas e “limpas”. A boa preservação do meio natural assegura uma produção agro-alimentar de qualidade e oferece grandes espaços de lazer de que beneficiam residentes e visitantes. A Irlanda, que possui um rico património cultural, cultiva também uma forte identidade.

41% da população tem menos de 25 anos e 24% menos de 15 anos. A qualidade do sistema educativo irlandês proporciona uma abertura dos jovens às novas profissões e modos de vida. Ora, as zonas rurais oferecem possibilidades de novas profissões, nomeadamente nas novas tecnologias da comunicação. Desde há alguns anos, assiste-se também à mudança para meio rural de vários serviços públicos e organismos de desenvolvimento.

LEADER II: a tônica no desenvolvimento local e nas parcerias

O Programa LEADER II inscreve-se na continuidade do LEADER I, que funcionou muito bem nas 16 zonas irlandesas em acção entre 1991 e 1994. Presentemente, existem 34 grupos de acção local e 2 outros actores colectivos que operam no âmbito do LEADER II na Irlanda. Os outros dois actores colectivos são associações turísticas (“Irish Country Holidays” e “Irish Farmhouse Holidays”) especializadas na comercialização do turismo rural. A população média das zonas LEADER irlandesas é de 65 000 habitantes.





Noel Davern T.D., Ministro da Agricultura e da Alimentação responsável pelo Desenvolvimento Rural

Senhor Ministro, comparando com a situação de numerosos países europeus, a economia irlandesa encontra-se de excelente saúde. A imprensa internacional baptizou até o seu país de "Tigre celta". Mas será que as zonas rurais beneficiam também do "boom" económico que a Irlanda atravessa actualmente?

A economia irlandesa continua a apresentar uma taxa de crescimento sem precedentes: 9% em 1997 e as estimativas para 1998 são da ordem dos 6%.

De uma maneira geral, as zonas rurais beneficiam desta prosperidade. Os sectores agrícolas e agro-alimentares desenvolvem-se saudavelmente e mesmo neste contexto de "boom" económico, representam ainda 14% do PIB e dos empregos. Os baixos níveis de inflação e de taxas de juro beneficiam, obviamente, toda a gente e favorecem consideravelmente os investimentos.

Contudo, este progresso económico deixou, infelizmente, entregues à sua triste sorte, várias zonas afastadas das cidades. Estando as indústrias cada vez mais concentradas nos centros urbanos, as zonas rurais continuam a confrontar-se com dois desafios, que são o desemprego de longa duração e a manutenção de um certo equilíbrio económico a nível local.

Quais são actualmente as principais apostas e desafios na Irlanda rural?

Na Irlanda, como noutras regiões da União Europeia, a agricultura tem sido, tradicionalmente, o motor da economia rural. Ora, nos últimos vinte e cinco anos, assistimos a um declínio sensível do número de explorações e de empregos agrícolas. A evolução das políticas europeias e os acordos comerciais internacionais confrontam a agricultura com novas pressões e diminuem a contribuição desta para a economia rural.

As zonas rurais sofrem de isolamento e de problemas de escala económica, que dificultam a criação e até mesmo a manutenção de actividades industriais. Não surpreende, pois, constatar que muitas das nossas zonas rurais conhecem uma diminuição e um envelhecimento da sua população.

Por outro lado, a protecção do ambiente tornou-se, muito justificadamente, uma preocupação central e é, hoje, uma aposta fundamental para o desenvolvimento rural. Devemos velar para que este assente numa abordagem sustentável, de maneira a não dilapidar os nossos recursos, satisfazendo as nossas necessidades presentes à custa do bem-estar das gerações futuras.

Responsável pela administração do LEADER II

Tony Burke

Rural Development Division,

Department of Agriculture and Food,

Agriculture House, Kildare Street, Dublin 2, Ireland.

Tel: 00 353 1 607 2000

Fax: 00 353 1 676 4555

Unidade Nacional de Animação da Rede LEADER

LEADER II Irish National Networking (LINN) Service

c/o Mary Sweetman

Molyneux House, Bridge Street, IRL-Dublin 8.

Tel: 00 353 1 475 32 99

Fax: 00 353 1 475 20 44

E-mail: info@leaderii.ie - Web: www.leaderii.ie

Como já aconteceu com o LEADER I, a Iniciativa LEADER II parece ser particularmente bem sucedida na Irlanda. Como explica este êxito?

O LEADER tem conseguido, sem dúvida alguma, revitalizar os nossos territórios rurais. Este sucesso, tal como o entusiasmo que o programa suscitou, resulta essencialmente da abordagem ascendente do LEADER, que permite às populações rurais implicarem-se directamente no desenvolvimento do seu território. As populações locais têm a possibilidade de definir as suas próprias prioridades, de participar na concretização de novas ideias e na realização de projectos. O LEADER devolveu a confiança aos rurais e inspirou neles um sentimento novo de controle sobre o próprio destino. O LEADER reforçou as solidariedades locais e os GAL dão provas do seu grande dinamismo e de profundo empenho na sua missão. Na Irlanda, o programa demonstrou que, desde que lhe seja dada essa possibilidade, o mundo rural está mais que motivado para contribuir, de maneira significativa, para o seu próprio desenvolvimento.

A abordagem ascendente do LEADER assenta perfeitamente no contexto do nosso país. Orgulhamo-nos, na Irlanda, de possuir uma longa tradição de benevolato e de envolvimento das populações no desenvolvimento local. Os irlandeses sempre revelaram uma grande vontade de participar na melhoria das suas condições de vida, nos planos social, cultural e económico. A oferta considerável de trabalho voluntário - visando responder às necessidades sociais dos mais desfavorecidos, as estruturas formais ou informais que facilitam este esforço, fazem parte da nossa cultura. Este envolvimento voluntário ao serviço do desenvolvimento local é outro dos factores-chave no sucesso do LEADER na Irlanda.

Tem expectativas específicas no que diz respeito à futura Iniciativa Comunitária de desenvolvimento rural?

Acolho calorosamente a proposta feita pela Comissão Europeia na Agenda 2000 de lançar uma nova Iniciativa Comunitária a favor do desenvolvimento rural. Gostaria que fosse aplicável a todas as zonas rurais do nosso país e que se baseasse nos princípios que fizeram o sucesso do LEADER. É fundamental que a transição entre o LEADER II e esta nova Iniciativa se faça calmamente, para que se não perca a energia e o entusiasmo que o LEADER entretanto gerou. Incentivarei, sem dúvida, a Comissão - e o Colóquio de Novembro último em Bruxelas, a respeito do qual gostaria de felicitar o Comissário Fischler, foi muito útil a este propósito - a avançar o mais rapidamente possível com as suas propostas, de maneira a que não haja qualquer ruptura entre o LEADER II e o arranque da nova Iniciativa. <



Um trunfo para o desenvolvimento local: O recurso património

O futuro de um território rural pode depender da sua capacidade em utilizar com conhecimento de causa a herança do seu passado. A valorização do património é uma componente incontornável do processo de desenvolvimento local.

POR MICHAEL DOWER [*]

A Europa rural tem a sorte de possuir um património natural e cultural extremamente rico e variado. A gama deste património é muito grande. Engloba a fauna e flora selvagens, as paisagens naturais ou modificadas pelo homem, as aldeias e montes que apresentam múltiplas especificidades históricas e arquitectónicas, sob a forma de edifícios mas também de outras obras, como pontes, moinhos de vento ou muros de pedra solta, assim como todo um conjunto de elementos (lavadouros, calvários, etc.) agrupados no termo “pequeno património”. A este património físico e construído junta-se tudo o que a história transmitiu, a cultura na sua dimensão imaterial: língua e costumes, folclore, tradições musicais e artísticas, danças, produtos caseiros, especialida-

des culinárias, sem esquecer evidentemente o artesanato, os ofícios e os antigos saber-fazer. Esta diversidade é também territorial: cada “região” possui o seu carácter próprio, uma “alma” que faz muitas vezes o orgulho dos habitantes e atrai o visitante exterior. —

[*] *Secretário-Geral d'ECOVAST (European Council for the Village and Small Town/Conselho Europeu para a Aldeia e a pequena Vila), rede europeia para a protecção do património, Michael Dower é professor convidado no Cheltenham & Gloucester College (Inglaterra, Reino Unido) onde ensina ordenamento do espaço rural.*



Os secadoiros de lúpulo fazem parte do património de Caríntia (Áustria)

Os actores do desenvolvimento podem apostar neste orgulho para encorajar a continuação dos processos que levaram precisamente à constituição deste património e que são susceptíveis de responder a necessidades contemporâneas. O património é um recurso a valorizar e, a partir de exemplos seleccionados um pouco por toda a Europa, sobretudo no domínio do edificado, tentaremos demonstrar como pode ser posto ao serviço do desenvolvimento local sustentável.

Continuidade

Os edifícios e monumentos antigos foram construídos para responder às necessidades sociais, económicas e culturais das gerações que nos precederam. Encarnam o esforço de desenvolvimento de uma época. Representam também um activo importante e uma fonte de inspiração para aqueles que hoje intervêm nesse mesmo sentido. Mas o orgulho pelo património e o sentido da continuidade histórica são um fenómeno recente. Nem sempre foram valores partilhados pelas populações rurais. Durante os anos 60, por exemplo, os incondicionais do “moderno” não estavam particularmente interessados pela salvaguarda dos saber-fazer antigos. Em vários países, durante muito tempo, o passado evocava privações, falta de conforto, a “vida dura” – coisas que se desejava abandonar adoptando as últimas novidades técnicas. Um pouco por toda a Europa, produziram-se assim claras roturas nas tradições e nas técnicas, de que resultou o abandono dos edifícios de carácter e o desaparecimento de especificidades paisagísticas (sebes, muros de pedra solta, etc.).

Contudo, rapidamente, as discordâncias e os erros que daí resultaram provocaram uma reacção a favor da reabilitação do património, da redescoberta da sua autenticidade e de um novo respeito pelo passado.

Em certas regiões, esta continuidade na tradição nunca foi rompida e participa plenamente no desenvolvimento local. No centro da Suécia, onde predominam vastas florestas, a madeira mantém-se no centro da economia e dos modos de construção. A maioria das casas e dos edifícios utilitários são contudo construídas com pranchas e barrotes, mas de uma forma modernizada que permite responder aos critérios de conforto mais exigentes. Ao lado das grandes serrações industriais, vocacionadas sobretudo para a exportação, subsistem empresas de dimensão modesta que tratam a madeira destinada à construção à maneira antiga.

Beneficiando deste importante mercado com forte valor acrescentado, o sector madeira gerou numerosos empregos locais. A associação harmoniosa entre construção tradicional e modernidade induz frequentemente outros serviços: em Gysinge Bruk (Gäveleborgslän), por exemplo, um centro de documentação e de aconselhamento instalado em antigos edifícios ajuda os particulares a escolher materiais e equipamentos que respeitam a tradição arquitectónica. Em Stora Kopparberg (Vaestsvrige), continua a produzir-se a célebre pintura vermelha “Falun” que protege os edifícios rurais em toda a Suécia. Na Bretanha (França), a arquitectura privilegia as construções robustas em empena. As cantarias das portas e janelas são de granito, o mobiliário de carvalho ou outra madeira dura. Ainda que a dimensão das habitações tenha, em geral, aumentado significativamente, o granito e o carvalho estão ainda presentes, assegurando a continuidade da tradição assim como o emprego de canteiros, lenhadores, pedreiros e marceneiros.

No Norte de Inglaterra, o Peak National Park está demarcado por muros de pedra calcária que delimitam desde há muitos séculos as pastagens. Nestes últimos decénios, a evolução das práticas agrícolas levou os criadores de gado a destruir estes muros e substituí-los por cercas inestéticas e menos duradouras. Preocupada com a pro-

Muros de pedra solta restaurados (Peak District, Reino Unido)



tecção deste elemento característico da paisagem, a administração do Parque obteve do Estado apoio para o restauro e conservação dos muros. Esta operação permitiu salvaguardar a qualidade da paisagem, criando ao mesmo tempo 20 empregos a tempo inteiro de artesãos especializados.

Edifícios antigos, novas vocações

Todas as sociedades passam inevitavelmente por ciclos de crescimento, declínio ou mutação. Os períodos de crescimento económico provocam a construção de novos edifícios destinados a usos específicos. O declínio ou a mudança levam à alteração do seu uso, à sub-utilização, ou mesmo ao abandono puro e simples destes edifícios. Ora, serão raros os edifícios que merecem tal sorte, pois constituem muitas vezes um activo a valorizar na óptica de uma re dinamização da economia local.

O declínio económico da Isle-Crémieu, no Isère (Rhône-Alpes, França), provocou o abandono ou a sub-ocupação de numerosas casas de pedra no centro histórico.

Nos anos 80, foi lançado um ambicioso programa de desenvolvimento, com o apoio da Agência Nacional para a Melhoria da Habitação (ANAH), que financiou um estudo visando recensear as propriedades abandonadas que pudessem ser alugadas. Foram assim identificados mil edifícios e a ANAH propôs aos seus proprietários cobrir 50% dos custos de renovação e de ajustamento às normas de arrendamento. A autarquia também interveio através de subsídios para a salvaguarda do carácter histórico de certos edifícios.

Há trinta anos, a delegação escocesa do National Trust, fundação britânica para a conservação do património, desenvolveu uma iniciativa semelhante ao constituir um fundo para a salvaguarda das casas típicas nos portos da costa de Fife. O Trust adquiriu algumas, restaurou-as e revendeu-as, na condição expressa de o novo proprietário respeitar a sua traça especial. Esta iniciativa desencadeou diversas acções de revitalização por parte de outros organismos desta zona economicamente sinistrada.

Na Alemanha também abundam exemplos de antigos edifícios agora afectados a novas utilizações. Na região de

Os “Itinerários do Património”

Valorizar o património em benefício da população e da economia local numa perspectiva de turismo sustentável não é preocupação apenas dos países da União Europeia. O projecto “Itinerários do Património” abrange duas zonas rurais da Europa Central e Oriental: Dolenjska/Bela na Eslovénia e Dobroudja na Bulgária.

Iniciados e postos em prática por ECOVAST, Ecotourism Ltd e PRISMA, os Itinerários do Património beneficiam do apoio financeiro da Direcção-Geral XXIII (“Política de Empresa, Comércio, Turismo e Economia Social”) da Comissão Europeia, assim como das autoridades regionais dos dois territórios-piloto abrangidos.

Segundo os responsáveis do projecto, um “Itinerário do Património” é “uma rede regional de sítios naturais e culturais dotados de uma identidade específica, podendo constituir um destino turístico para uma estada de uma semana”.

Em cada uma das duas regiões, a equipa do projecto identificou os sítios que podem atrair os visitantes. De acordo com os proprietários e habitantes, apenas são considerados aqueles que apresentam uma capacidade de acolhimento suficiente.

Foi realizado um estudo de mercado pormenorizado, a fim de se conhecerem os tipos de potencial clientela. Foi elaborado um esboço de itinerário possível, sendo depois consultadas a população e as autoridades locais para

aprovação definitiva do Itinerário.

Este processo desencadeou a criação de associações locais (“Heritage Trail Associations”) que reúnem todos os actores abrangidos pelo Itinerário. Os responsáveis do projecto dão apoio a estas associações, nomeadamente em matéria de promoção, comercialização e normas de qualidade para os alojamentos e atracções turísticas.

O itinerário esloveno esteve pronto a tempo de ser colocado no mercado no Salão Mundial do Turismo de Londres em Novembro de 1996. O itinerário búlgaro foi concluído no Verão de 1997 e a sua comercialização começou este Outono. Vários operadores turísticos já manifestaram interesse pelos dois destinos.

Foi publicado um “Manual dos Itinerários do Património”, descrevendo a abordagem do projecto (*) e uma centena de pessoas participaram no seminário organizado no âmbito deste projecto em Abril de 1997 na Eslovénia. Provenientes de 22 países, todos consideraram que a fórmula dos Itinerários do Património oferece boas perspectivas para o desenvolvimento do turismo rural, nomeadamente na Europa Central e Oriental. <

(*) “Manual on Heritage Trails”. Disponível em inglês junto de ECOVAST, c/o CCRU, Cheltenham & Gloucester College, Swindon Road, Cheltenham, GL50 4AZ, Inglaterra (UK). Tel: 00 44 1242 544 031 – Fax: 00 44 1242 543 273.



Formação em escultura de madeira
(Serranía de Ronda, Espanha)

→ Hesse, por exemplo, a associação “Foerdkreis Alte Kirchen” (Fundação das Igrejas Antigas) esforça-se por revalorizar antigas igrejas fechadas ao culto, transformando-as em centros culturais, salas polivalentes, etc. Por todo o país, milhares de antigas instalações agrícolas inutilizadas foram transformadas em imóveis de habitação confortáveis, respeitando o estilo original. Também aqui, várias associações fornecem aos proprietários assistência técnica em matéria de restauro, transformação e manutenção. Desde que se dê provas de alguma imaginação e engenho, estas reutilizações podem ser muito variadas. Na Áustria, a agência de desenvolvimento de Feldbach (Stíria) instalou a sua sede em anexos do castelo de Kornberg. As abóbadas da cidadela de Blaye, no norte de Bordéus (Aquitânia, França), acolhem as reuniões da associação vinícola regional e os escritórios da Conferência Europeia das Regiões Vinícolas. Na Irlanda, as dependências do castelo de Kilkenny tinham sido restauradas durante os anos 60 para albergar o Irish Design Centre, iniciativa governamental visando estimular as ideias e a investigação de produtos inovadores de qualidade. Estas instalações acolhem actualmente formações em técnicas artesanais, organizadas pelo Crafts Council irlandês. Na Inglaterra, o velho moinho de água de Bovey Tracey alberga a loja e a galeria de exposições da Devon Guild of Craftsmen (Associação dos Artesãos de Devon). Em Hope, Derbyshire, casas agrícolas tradicionais foram salvas da ruína pela fundação Peak Park Trust, que aí instalou um centro de tele-serviços e uma série de pequenas oficinas. Além do saber-fazer técnico e arquitectónico que implica, a reconversão de antigos edifícios pode também exigir

muito engenho a nível financeiro e jurídico. Em Totnes, no sudoeste de Inglaterra, vários armazéns do século XIX encontravam-se inutilizados e condenados à demolição. Um grupo de residentes constituiu-se em associação e conseguiu reunir os financiamentos necessários à aquisição deste espaço. A associação criou em seguida uma sociedade comercial, com um capital de 250 000 ECU de fundos próprios, que alugou os edifícios e obteve 250 000 ECU suplementares em empréstimos bancários. O montante total (500 000 ECU) foi então investido numa primeira fase de restauro e de transformação. A parte já restaurada foi sub-alugada, o que permitiu libertar os 500 000 ECU para uma segunda fase de trabalhos. Concluída esta fase, repetiu-se o sub-aluguer de maneira a libertar os fundos para uma última fase de restauro. O conjunto está agora terminado e sub-alugado para lojas, apartamentos (12 alojamentos), escritórios e restaurante. Todas estas actividades permitiram a criação de mais de 25 empregos. A sociedade, que cedeu a sua actividade principal a uma sociedade de investimentos, pôde assim pagar os empréstimos e reembolsar os accionistas. Quanto à associação inicial, prossegue as suas actividades, lançando-se noutros projectos de renovação.

Património e turismo

O turismo ocupa geralmente um lugar de primeiro plano nos programas de desenvolvimento rural (mais de 42% dos montantes investidos no âmbito do LEADER I foram dedicados a este sector).

Em certos casos, como na Barbagia Baronie na Sardenha, na ilha de La Palma nas Canárias (*ver artigos correspondentes*) ou no Pays Cathare em França, procura-se encaminhar uma parte dos visitantes das cidades turísticas ou do litoral para zonas rurais mais recuadas. Mas, turismo rural e turismo de praia diferem substancialmente: a costa oferece a atracção universal do mar e das praias, enquanto que no campo, o turista estará à partida mais sensível ao carácter dos lugares, à especificidade do que descobre, em poucas palavras, ao património local.

Basta abrir qualquer desdobrável turístico de qualquer zona rural da Europa para constatar que o património ocupa aqui um lugar central. A região a visitar está sempre “*enraizada na história... dotada de uma fauna rica... de festas e festivais pitorescos... de um artesanato tradicional... de produtos gastronómicos únicos...*”. Mas é mais fácil escrever este género de coisas do que realmente oferecer o que se anuncia: é preciso que o visitante possa efectivamente provar, visitar, ver – e comprar – o que é local e específico. E isto passa por uma valorização cuidada e duradoura do património no âmbito de programas de desenvolvimento local integrado como o LEADER. Por sorte, o Velho Continente não tem falta de sítios, infra-estruturas ou iniciativas turísticas que coloquem o visitante em contacto directo com o património, participando assim na sua preservação e no desenvolvimento da economia local. O alojamento turístico é um exemplo flagrante. Encontram-se por toda a Europa alojamentos de todos os tipos

e categorias, instalados em imóveis históricos ou de carácter. Entre os mais sumptuosos figuram certos *para-dores* espanhóis e *pousadas* portuguesas, que oferecem ao visitante uma imagem da vida nos castelos, palácios ou casas senhoriais. Assim, o agrupamento de interesse económico, “Europa das Tradições”, criado em Junho de 1997, por iniciativa do grupo LEADER Vale do Lima (Portugal), reúne cinco organizações nacionais de alojamento turístico de topo de gama: “Chambres d’Amis Benelux”, “Château Accueil” (França), “The Hidden Ireland” (Irlanda), “Wolsey Lodges” (Reino Unido) e “TURIHAB/Solares de Portugal”. A finalidade deste consórcio é promover a nível europeu o alojamento turístico em edifícios antigos de forte carácter e a preservação do património histórico que lhes é inerente.

No Reino Unido, o Landmark Trust propõe alojamentos de qualidade numa vasta gama de edifícios com interesse arquitectónico ou com certa originalidade: os benefícios realizados são afectados à conservação de edifícios assegurada por artesãos locais. Na ilha de Hydra, Grécia, uma antiga fábrica de esponjas foi transformada e ampliada para abrigar um hotel de carácter excepcional.

Uma grande parte das 19 000 moradas referidas por “Gîtes de França” é constituída por anexos de quintas reconvertidas ou casas aldeãs de carácter. O mesmo acontece com alojamentos na quinta – casas de campo, “cama e pequeno-almoço” ou quartos de hóspedes, comercializadas por Urlaub auf dem Bauernhof (“Férias na Quinta”/Alemanha), Agriturismo (Itália), Privetur (Portugal), Irish Farm Holidays (Irlanda) e outras redes noutras áreas da Europa.

Centenas de pousadas de juventude ocupam castelos, moinhos, etc., à imagem do Kasteel Westhove situado em Domburg na costa holandesa. No Reino Unido, um número crescente de “quintas-campismo” albergam pas-

seantes por somas módicas; é um meio de fazer reviver edifícios hoje inúteis e de assegurar um complemento de rendimentos ao agricultor.

Em meio rural desfavorecido, pode ser difícil reunir os fundos necessários à transformação em alojamentos e à adequação às normas de um edifício. Daí o risco de se assistir à degradação das casas ou à sua compra para residências secundárias, o que não interessa muito à economia local. Este é, portanto, um campo de intervenção possível para as agências de desenvolvimento local. Na pequena aldeia histórica de Specchia (Puglia, Itália), o grupo leader Capo Santa Maria di Leuca fez um acordo com os proprietários de uma dúzia de casas desocupadas no coração da aldeia. O GAL aluga estas casas durante dez anos, reabilita-as e equipa-as com todo o conforto moderno, e comercializa-as como alojamentos turísticos. Os benefícios são partilhados com os proprietários, que recuperam os seus bens no fim do contrato e são livres então de prosseguir ou interromper o aluguer. Além disso, foi criado um gabinete de informação e de acolhimento turístico, assim como um restaurante de 50 lugares aberto todo o ano. Em Ambelakia (Tessália, Grécia) uma iniciativa semelhante permitiu a valorização de numerosas casas arruinadas ou desabitadas da aldeia.

O património é igualmente pretexto para numerosas actividades turísticas. Muitas vezes, contudo, estas resumem-se à clássica visita ao castelo ou à igreja, sem animação ou valorização especiais. Pelo contrário, algumas iniciativas turísticas utilizam o património de qualquer maneira, mesmo as mais desapropriadas, desde que dêem lucros: o património original é assim traído, desvirtuado. Entre estes dois extremos, inúmeras realizações dedicam-se felizmente à protecção do património construído de carácter ou de outras riquezas patrimoniais, apresentando-as de uma maneira viva e honesta, criando empregos e rendimentos para a população local. Basta pensar nos

■ Os telhados de colmo exigem saber-fazer especial





■ Transformação de uma antiga moagem em centro comunitário polivalente (Kavala, Grécia)

→ numerosos ecomuseus franceses, na grande variedade das “country houses” e dos jardins de carácter geridos pelo National Trust britânico, ou ainda mais especificamente na localidade de Alberobello (Puglia, Itália) e no seu excepcional conjunto de “trulli”, com coberturas cónicas de pedra.

O porto de Moerwellham está situado nas margens do Tamar, a trinta quilómetros de Plymouth, no sudoeste da Inglaterra. Fundado há 900 anos pelos monges da abadia de Tavistock, serviu de início à expedição do estanho de Dartmoor, conheceu depois um formidável desenvolvimento com a descoberta de uma importante jazida de cobre nas proximidades. Após o esgotamento do filão, cerca de 1900, o porto foi sendo progressivamente abandonado. Nos anos 60, tinha praticamente desaparecido por debaixo da vasa e da vegetação. A economia do vale estava exangue. Em 1969, o porto passou para a responsabilidade de uma fundação local, com a finalidade de conservar e “interpretar” este histórico local, provocar afluência turística e gerar rendimentos para a zona. Desde então, mais de 2 milhões de ECU, provenientes de fontes privadas, nacionais e europeias (FEDER) foram afectados à conservação do sítio e ao acolhimento dos cerca de 100 000 visitantes anuais. Com um volume de negócios que ultrapassa o milhão de ECU, este empreendimento garante agora 20 empregos permanentes e 50 sazonais. Uma das grandes atracções do turismo reside na sua mobilidade. Ora, vários elementos do património integram-se facilmente em itinerários turísticos ou circuitos temáticos. Assim, os caminhos de peregrinos (como os de Santiago de Compostela em Espanha), mas também os caminhos-de-ferro a vapor (muito populares no Reino Unido, em França e na Bélgica nomeadamente), os canais e vias navegáveis que contam à sua maneira a história de numerosas regiões, as rotas do vinho, etc. são outros tantos meios para integrar diferentes elementos do património das regiões percorridas (ver o destaque sobre os “Itinerários do Património”).

Em Barenton, no Parque Natural Regional Normandie-Maine (França), um conjunto rural representativo da arquitectura regional abriga a “Casa da Maçã e da Pera”, onde são explicados o fabrico da cidra, calvados, perada e outros. Itinerários sinalizados permitem visitar as explorações agrícolas que praticam – como demonstram as provas – a venda directa destes produtos.

Conjugar património e desenvolvimento

Um recurso ao serviço do desenvolvimento sustentável, o património tem valor por si só. Constitui ao mesmo tempo a memória colectiva da população e um potencial recurso para o seu futuro. Realizada com conhecimento de causa, a valorização do património não vai de encontro à satisfação das necessidades presentes, muito pelo contrário.

A importância do património, ainda que seja modesto, é objecto de um consenso cada vez mais amplo. O desafio hoje é, antes, melhor integrar a protecção e valorização do património numa abordagem local do desenvolvimento. Defensores do património e actores do desenvolvimento local são parceiros. Os programas de desenvolvimento devem integrar na sua abordagem a valorização do património, travar as ameaças que o põem em perigo e valorizá-lo tanto quanto possível. Reciprocamente, os defensores do património devem ter em conta as necessidades do desenvolvimento local e aproveitar todas as oportunidades de sinergia que se apresentam.

A necessária fusão entre uma política do património e a abordagem “ascendente” do desenvolvimento local está no coração de um programa como o LEADER. Esta necessidade foi reafirmada na “Declaração de Cork” de Novembro de 1996 (ver *LEADER Magazine* n.º 14). É igualmente um dos principais eixos da “Estratégia para a Europa Rural”, publicada pela ECOVAST em 1994.

As agências de desenvolvimento estão bem posicionadas para favorecer junto das populações rurais uma tomada de consciência do património local e da sua utilidade. No Reino Unido, por exemplo, uma acção conduzida no âmbito do LEADER II pelo grupo South Pembrokeshire (País de Gales) apoia nomeadamente cursos de história local, formações em técnicas de construção tradicionais e a criação pelas comunidades aldeãs de itinerários do património que levem os visitantes a pernoitarem e consumirem na região. A população local participa assim no desenvolvimento de seu território e responsabiliza-se pelo património que herdou. <



“Patrimônio construído, pequeno patrimônio, paisagens...”

Monique Le Clézio [LEADER Centre-Ouest Bretagne, França]

Quando da criação dos departamentos franceses em 1810, o Centre-Ouest Bretagne (100 000 habitantes actualmente) foi dividido em três zonas, cada uma ligada a um departamento diferente: Côtes d’Armor, Finistère ou Morbihan. Esta divisão administrativa marginalizou um território que histórica, geográfica e culturalmente era homogéneo.

Por várias vezes, e de novo em 1990, quando da elaboração do programa LEADER I, os actores locais decidiram reconstruir a sua região apoiando-se nos seus trunfos, nomeadamente na sua identidade cultural forte.

Foram assim inscritas no programa LEADER I várias acções visando a valorização da identidade cultural. Uma delas tinha por objectivo reforçar a promoção da língua, música e danças tradicionais, graças à organização de acontecimentos: “Festa da Língua Bretã”, festivais das artes tradicionais, etc.

Renovação do patrimônio construído

A renovação do patrimônio construído foi objecto de duas acções específicas.

A primeira, em ligação directa com o desenvolvimento do turismo, visava melhorar as aldeias. Pode-se pretender atrair visitantes, mesmo novas populações, sem melhorar a imagem das aldeias? De que servirá investir nas capacidades de alojamento, em estruturas de animação, em campanhas de promoção centradas na qualidade de acolhimento ou na qualidade de vida se as aldeias forem negligenciadas?

Para que esta acção (com um custo total de cerca de 1 milhão de ECU) fosse significativa, apenas foram seleccionadas as autarquias cuja abordagem correspondesse aos objectivos e aos critérios aprovados pelo grupo de acção local.

Estes critérios podem resumir-se da seguinte forma:

- > qualidade do patrimônio construído e religioso;
- > aldeia com vocação turística por se localizar num sítio interessantes, onde as capacidades de alojamento foram desenvolvidas por iniciativa de particulares ou de associações locais (aldeias de férias, casas de campo, quartos de hóspedes, etc.);
- > organização, no seio de comissões locais reunindo autarcas, actores socioeconómicos locais e população, de um projecto global de ordenamento. Esta abordagem conseguiu soluções tanto ao nível do patrimônio construído abandonado (incentivo à criação de alojamentos ou à reactivação de actividades comerciais ou de serviços à população) como ao nível da melhoria da imagem (remoção dos fios eléctricos, utilização de materiais tradicionais, integração de mobiliário urbano, instalação de uma sinalética bilingue – o Centre-Ouest Bretagne é uma região de língua bretã – florescimento das aldeias).

Foram assim seleccionadas 12 aldeias onde se aplicava o conjunto destes critérios, entre elas Spézet (*ver foto*) situada nas Montanhas Negras. Um inquérito recente revelou o sucesso desta operação.



Desenvolvimento turístico e preservação das paisagens

A segunda acção, mais transversal, abrangeu o pequeno patrimônio rural não protegido (calvários, fornos de pão, fontanários ou lavadouros), que foram objecto de trabalhos de renovação e de valorização.

Este pequeno patrimônio pertence à memória colectiva e faz parte integrante da paisagem. A sua renovação permitiu a criação de percursos temáticos. Por exemplo, o “Caminho dos Artesãos de Ardósia”, de Cauro, percurso circular de 3 horas, que atravessa paisagens variadas: bosque de árvores folhudas, afloramentos rochosos de xisto debruçados sobre o lago de Guerlédan. A renovação de duas oficinas de canteiros permitiu reconstituir a história industrial do sítio onde se extraía a ardósia. A experiência conduzida no âmbito do LEADER I pelo Centre-Ouest Bretagne tornou-se conhecida pelos efeitos positivos que induziu nas dinâmicas locais e no desenvolvimento: a vida associativa intensificou-se e assiste-se hoje à instalação de jovens famílias nas aldeias renovadas.

Para o período de 1995-1999, os financiamentos foram reservados para a valorização das aldeias no âmbito do programa Objectivo 5b da Região Bretagne, a fim de estender esta experiência ao conjunto da zona elegível. No âmbito do LEADER II que se iniciou aqui em 1997, a valorização do patrimônio será prosseguida através de acções de animação ligadas ao patrimônio gastronómico, natural e artístico (língua, música e dança). <





“Não só o sol”

Francisco Dominguez [LEADER Isla de La Palma, Canárias, Espanha]



Em 1992, o nosso grupo de acção local iniciou uma acção de sensibilização dos 70 000 habitantes da ilha de La Palma (726 Km²) para o turismo rural, então quase inexistente. 74 proprietários de “casas palmeras” ficaram convencidos e lançaram-se na reabilitação destas casas tradicionais para as transformar em alojamentos turísticos.

Em Outubro do mesmo ano, foi constituída a associação de turismo rural “Isla Bonita” com o intuito de agrupar todos os intervenientes abrangidos pela operação: proprietários, autarquias, associações, etc. Foram contratados 3 técnicos para animar e coordenar as actividades da associação.

A assistência técnica exterior, cofinanciada pelo LEADER I, permitiu a fixação de critérios de restauro arquitectónico a respeitar e assegurar o bom andamento dos trabalhos. Em Novembro de 1992, três municípios apresentaram os seus primeiros projectos de reabilitação (25 casas, 90 camas) e obtiveram em seguida um co-financiamento da Direcção do Turismo do Governo das Canárias, no âmbito dos programas REGIS e LEADER.

Foi organizada uma viagem de estudo a Navarra, Aragão e sul de França. Os proprietários puderam assim observar *in situ* o funcionamento de alojamentos rurais e “Gîtes de França”. Foi em seguida organizado pelo GAL um programa de formação em acolhimento e gestão de empresa turística.

Em 1993, o município de Puntanilla cedeu a sua “Casa Lujan”, casa burguesa do século XIX, onde se instalaram pouco depois um “Gabinete do Turismo Rural”, um museu etnográfico e um centro de promoção e venda do artesanato tradicional.

Foi criada ainda uma marca assente numa carta que define um determinado número de regras sobre o restauro das construções (2 800 000 ECU, dos quais 700 000 ECU no âmbito do LEADER I) e o funcionamento dos alojamentos. Em Janeiro de 1994, foi apresentada na FITUR, o salão internacional do turismo de Madrid, uma primeira gama de alojamentos rurais. Foi empreendido no mesmo ano um programa de sinalização dos alojamentos, co-financiado pelo programa FUTURES do ministério espanhol da Indústria, Comércio e Turismo.

Foram alugados, em 1995, 40 alojamentos (164 camas). Um estudo de impacto revelou que 17% dos 1 100 visitantes, acolhidos no decorrer deste primeiro ano de operação, vinham da Alemanha, 24% das outras ilhas Canárias, 12% da região de Madrid, o resto proveniente de outras regiões espanholas e, em menor número, da Holanda e França.

No decorrer desse mesmo ano, os alojamentos foram apresentados na FITUR e no Salão Internacional do Turismo de Berlim. Está também assegurada a sua promoção na INTERNET.

Uma animação turística é organizada por diferentes associações privadas, nomeadamente “Ibakken” (ambiente e lazer; gestão de um albergue de juventude de 48 camas), “Ar livre” (campismo) e “Artetur” (descoberta do território e dos seus habitantes; artesanato local).

Para facilitar a comercialização directa dos alojamentos e limitar a dependência dos proprietários face aos operadores turísticos e agências de viagens, a associação publicou em 1996 um “Guia da Casa Rural”, descrevendo 60 casas (298 camas) disponíveis. Paralelamente, a associação Isla Bonita instalou uma central de reservas que funciona graças a uma comissão de 12% sobre cada reserva efectuada desta forma.

A reabilitação e a reconversão de casas rurais tradicionais em alojamentos turísticos permitem que a ilha de La Palma seja agora algo mais do que um simples “destino sol”. E revalorizou-se um aspecto importante do património arquitectónico local. As associações ligadas à operação criaram 22 empregos, 12 dos quais permanentes e a tempo inteiro. <





“Uma história de moinhos de vento”

Emmanouil Yalitis [LEADER Lassithi, Grécia]



Desde o século XV, época em que os Venezianos ocuparam Creta, o moinho de vento é um símbolo do planalto Lassithi (altitude: 860 m). Como a mais pequena parcela cultivável possui o seu próprio moinho, o território chegou a contar cerca de 14 000, espalhados por 24 km². São de facto pequenas eólicas que servem essencialmente para irrigar as culturas de batata, especialidade do planalto.

Contudo, a partir dos anos 70, o êxodo dos jovens e a depressão agrícola provocaram a degradação desta componente típica da paisagem local: por falta de manutenção, um número cada vez maior destes belos pequenos moinhos brancos foi caindo em ruínas.

Conscientes do risco de desaparecimento deste património único, alguns responsáveis locais decidiram restaurá-los e utilizar este símbolo de identidade como um trunfo para o desenvolvimento integrado do planalto de Lassithi.

Colektividades locais, cooperativas agrícolas, cooperativas de mulheres e associações culturais constituíram uma agência de desenvolvimento que se tornou membro do grupo LEADER I. Um longo processo de sensibilização da população foi de seguida empreendido.

Uma vez aceite a ideia pela maioria dos residentes, o GAL organizou um programa de formação: 20 pessoas, jovens em maioria, aprenderam a construir e a restaurar os moinhos com a ajuda de artesãos, geralmente idosos e únicos detentores deste saber-fazer. A Escola Politécnica de Atenas também colaborou e cada participante na formação teve que restaurar um moinho.

Foi de seguida realizado um inventário dos moinhos e 300 deles foram seleccionados para a operação de restauro em grande escala que decorreu entre Abril e Dezembro de 1995, e que beneficiou tanto os jovens, que foram empregados para efectuar o trabalho, como os artesãos e pequenas empresas locais, que produziram materiais e peças necessárias à reabertura dos moinhos.

Esta operação inscreve-se num programa mais vasto de valorização do património, que também implicou a abertura de um Museu das Tradições locais em 1995, o restauro de um convento com vista à sua transformação em Museu da História Natural, a criação de pequenos restaurantes e alojamentos turísticos, etc.

Todas estas acções visam o melhor aproveitamento do turismo de passagem, pois o planalto (situado a 40 km da costa) atrai entre 180 000 e 200 000 visitantes por ano. O restauro dos moinhos representou um investimento de 279 583 ECU, sendo 20 000 para formação, 100 000 ECU em salários e 159 583 em materiais locais.

A situação económica deste planalto de difícil acesso continua a ser muito frágil mas a reabilitação dos moinhos que embelezam a paisagem, a valorização dos saber-fazer locais tradicionais e o aumento sensível das capacidades de acolhimento contribuem para a consolidação dos empregos existentes e até para a criação de novos e convencem a população de que é possível haver futuro para o seu território. <



A valorização do património na Frísia [Holanda]:

esse plano país que é

Durante muito tempo exclusiva – e intensivamente – agrícola, a Frísia vira-se para outras actividades, a fim de assegurar um futuro sereno. A identidade e o rico património desta região, a sua proximidade dos grandes centros urbanos permitem antever importantes possibilidades de desenvolvimento para o turismo cultural.



é o nosso

A orquestra toca o tema final. Os 71 actores e figurantes invadem o enorme palco de quatro andares que é suposto representar um bairro londrino do século passado. Os 700 espectadores aplaudem ruidosamente estes comediantes amadores de todas as idades que acabam de interpretar magnificamente a adaptação melodramática de “Oliver Twist” de Dickens (1). Estamos no Soho? Na Broadway? De forma alguma: simplesmente em Jorwerd (240 habitantes), pequena aldeia da Frísia que desde há 44 anos organiza no Verão um espectáculo ambicioso, em língua frísia (2). “Os 8 000 bilhetes para as 11 representações previstas este ano foram vendidos em poucas horas”, anuncia orgulhosamente Jan Schotanus, que traduziu o texto para frísio. “O sucesso de Jorwerd influenciou toda a região e 9 aldeias apresentam agora também o seu teatro de Verão”, afirma Pyt Vellinga, presidente da associação cultural que gere o acontecimento. “Sabe, creio que organizar um espectáculo desta envergadura pode funcionar quer numa grande cidade quer, pelo contrário, numa aldeia como esta, onde o voluntariado e a solidariedade rural funcionam em pleno. A montagem de tal acontecimento une os habitantes ao mesmo tempo que enriquece a sua vida cultural e social.”

Uma história de sucesso

Jorwerd é uma dessas aldeias tocadas pela graça. Uma dessas aldeias onde, não se sabendo bem porquê, o projecto mais louco acaba por ser bem sucedido. Em 1953, em plena reconstrução do pós-guerra, a torre sineira da igreja caiu (!). Longe de desanimarem, os aldeãos decidem organizar um espectáculo para recolherem os fundos necessários à segunda reconstrução. O proprietário de um grande parque situado no coração da aldeia disponibiliza-o para este acontecimento. Um banco contribui financeiramente para o projecto. Toda a população se envolve. A operação é um sucesso. Desde então repete-se todos os anos e sem parar de crescer: quase inteiramente autofinanciada, a produção de 1997 custou 100 000 ECU e mobilizou 140 pessoas, a maioria voluntários não remunerados. E como se este sucesso não fosse suficiente, um escritor de Amsterdão acaba de dar notoriedade nacional à aldeia, publicando “Como Deus deixou Jorwerd” (3), crónica da vida rural contemporânea, que obteve um sucesso instantâneo em toda a Holanda. “As pessoas vêm de todo o país para ver Jorwerd, a sua famosa torre sineira, a sua escola, a casa desta ou daquela personagem do livro...”, assinalam Klaas Bijleveld e Sijbe Roosma, responsáveis LEADER para a Província da Frísia. E acrescentam: “para o ano, a quadragésima quinta edição do acontecimento coincide com o centésimo aniversário do nascimento do poeta Jan Jacob Slauerhoff, que tem aqui as suas raízes. O acaso sabe fazer bem as coisas!”



Edifício histórico
convertido em alojamentos turísticos

Tal como a arquitectura muito confortável da aldeia, o dinamismo cultural de Jorwerd não pode mascarar os problemas profundos que afectam toda a Frísia rural: durante muito tempo modelo de eficácia e produtividade, a agricultura frísia enfrenta também dificuldades, nomeadamente devido à poluição dos solos e às quotas leiteiras, e a uma concentração acelerada das explorações. Factores que provocaram um importante êxodo dos jovens e uma certa degradação dos serviços. “Devíamos sair desta situação de monoactividade e desenvolver os sectores não agrícolas”, relembra Klaas Toering, presidente da DBF (Dorp en Bedrijf Friesland), rede de apoio à criação e ao desenvolvimento de pequenas empresas em meio rural. “Identificámos três pistas possíveis: os produtos locais, o lazer e o turismo. Estas três actividades assentam em grande parte na valorização do património, quer seja cultural, arquitectónico, gastronómico ou mesmo paisagístico.”

Cultura e turismo

Desde há dez anos que a Frísia se empenhou no desenvolvimento do turismo cultural, inicialmente a partir do património arquitectónico: por detrás da enorme cortina de choupos e da aparente monotonia da imensa planície arancada ao mar ao longo dos séculos, escondem-se pequenos tesouros – igrejas medievais construídas sobre pequenas colinas, solares e quintas-castelos saídas directamente do Século de Ouro da Holanda, aldeias de aparência tão próspera que a mais humilde casa parece um solar particular...

— Em 1986, as autoridades provinciais lançaram o programa “Monumento do Mês”, que consiste em valorizar várias vezes por ano um determinado número de construções ou sítios, durante pelo menos um mês. Organizam-se paralelamente acontecimentos culturais, onde os produtos locais têm igualmente um lugar privilegiado e divulga-se documentação de qualidade sobre o local escolhido, a nível regional e/ou nacional. Desde o lançamento do programa, realizaram-se assim 78 acontecimentos “Monumento do Mês”.
Com o seu “Plano de acção para a cultura e o turismo”, elaborado pela Província em 1992, iniciou-se um processo que procura associar criação de actividades, turismo e promoção da cultura da Frísia no seu conjunto. Foi criada uma fundação com o intuito de facilitar a execução do Plano: “Kultuer en Toerisme yn Fryslân” (Cultura e Turismo na Frísia) que serve de ligação entre as autori-

dades regionais e locais, as instituições culturais e o sector turístico e de lazer. Fornece também assistência técnica a todos os actores envolvidos no desenvolvimento de produtos turísticos culturais.

Com a ajuda do LEADER I (150 000 ECU), a fundação iniciou nomeadamente o projecto “stedslaoazjeminten”, reconvertendo edifícios abandonados de interesse histórico em alojamentos turísticos de topo de gama, em quatro das “Onze Cidades Frísias” (*ver destaque*). Tendo adquirido estes edifícios que pertenciam ao município por um preço simbólico, a Fundação coordena o plano de restauro e supervisiona os trabalhos, realizados tanto quanto possível por empresários locais. Uma vez restaurados, os edifícios continuam a ser propriedade da Fundação mas são arrendados a operadores privados. Esta operação já devolveu utilidade e vitalidade a edifícios de carácter em três localidades, criando assim 35 empregos.



Volta à Frísia

O “Elfstedentocht”, é um pouco a “Volta à França” da Frísia: um acontecimento simultaneamente desportivo e festivo que atrai centenas de milhares de espectadores e participantes... quando acontece.

Porque a Volta das Onze Cidades frísias decorre em patins no gelo sobre canais gelados, é necessário um Inverno rigoroso, fenómeno raro desde há alguns anos: assim, a 4 de Janeiro de 1997 teve lugar a décima quinta edição da prova, acontecimento que existe desde 1909.

Trata-se da transformação em competição desportiva e manifestação lúdica de uma maneira de viver secular: antigamente, canais e cursos de água gelados constituíam no Inverno vias de comunicação fáceis entre as comunidades da Frísia. Actualmente, o “Tocht” é uma prova de patinagem de 200 km, pretexto para muitos festejos nas 11 “vilas” atravessadas.

Estas são, com efeito, as localidades frísias dotadas de uma carta urbana. À excepção de duas delas – Sneek e Leeuwarden, capital da província – nenhuma ultrapassa 20 000 habitantes e muitas delas são aldeias de dimensão muito modesta. O percurso completo do Tocht cobre o noroeste da província, correspondendo mais ou menos aos contornos da zona LEADER.

Além da natureza da actividade, que reúne desportistas de alto nível (300 concorrentes em 1997), passeantes em patins (16 000 inscritos), espectadores e associações socio culturais de todos os tipos, a originalidade do Tocht reside na sua organização: esta é necessariamente bastante

improvisada, porque nunca se sabe até ao último minuto se as condições meteorológicas permitirão a realização do evento.

Caso afirmativo, um dispositivo complexo deverá ser então posto em prática muito rapidamente (menos de 48 horas para o Tocht de 97) para poder acolher e divertir as centenas de milhares de visitantes que, prevenidos pelos órgãos de comunicação social, invadirão a Frísia nas horas seguintes. Daí a importância de uma mobilização intensa e espontânea das populações locais.

A participação dos habitantes é tal que o milagre se repete em cada ocasião: nunca ocorreu qualquer acidente grave, e a manifestação transforma-se invariavelmente numa festa popular, maciça mas bem disposta.

O seu sucesso e mediatização fizeram da Volta das Onze Cidades uma verdadeira “locomotiva” turística para o noroeste da Frísia: os cursos de água do circuito, frequentados por numerosas embarcações de recreio, são acompanhados por pistas de ciclismo e de percursos pedestres. Assiste-se ainda em cada Verão a uma grande quantidade de cópias mais ou menos pálidas deste acontecimento: assim se organizam as “Elfstedentochten” para patinadores sobre rodas mas também para pombos-correios ou para Fiat 500! “Frísia, região das Onze Cidades” tornou-se num forte slogan turístico e o impacto da manifestação é muito positivo para toda a zona LEADER: constata-se, após cada Volta, um aumento sensível do número de turistas, cada vez mais motivados para visitar aldeias e sítios relativamente afastados do percurso. <



■ Na colina de Hogebeintum foi instalado um ecomuseu cofinanciado pelo LEADER I

“A principal dificuldade não é tanto encontrar clientes, explica Hieke Joustra que coordena o projecto, é sobretudo completar a atracção dos alojamentos propostos associando-lhes actividades de descoberta. É por isso que elaboramos ‘pacotes culturais’: produtos turísticos agrupados, incluindo alojamento e acesso a outros locais, museus, eventos culturais, etc., inclusivamente na estação baixa.”

Colinas

No âmbito desta estratégia e em torno das “Onze Cidades” que constituem o elemento turístico federador da região, a intervenção LEADER consiste em revalorizar um certo número de pólos culturais situados em pleno campo. O LEADER I participou por exemplo no financiamento dos equipamentos do centro de interpretação de Hogebeintum, local onde se explica a história das “terpen” (pequenas colinas), elevações artificiais que serviam de última protecção contra um mar onde antigamente mal existiam diques. O LEADER II investiu 92 000 ECU no projecto “Unia-Stata”: em vez de procurar reconstruir o seu castelo completamente destruído no século XVIII, a pequena aldeia de Beers decidiu erigir uma estrutura metálica, respeitando as formas e as dimensões reais da construção original i de certa forma, o seu “esqueleto”... Esta construção, ainda em curso, parece uma gigantesca escultura com efeitos de ilusão de óptica alucinantes. Os acessos ao sítio – igualmente uma pequena colina – estão também a ser restaurados e o novo “torreão” de aço, que estará concluído no Inverno 97-98, oferecerá aos visitantes uma vista incomparável sobre o “platteland”(planície) frísio.

“A intensidade da vida social e associativa das aldeias é um dos maiores trunfos da Frísia rural para o sucesso da sua reestruturação”, acentua Jan van Weperen, coordenador do grupo LEADER Noordwest Friesland. “Os investimentos totais LEADER II directamente dedicados à valorização do património elevam-se a mais de 1 milhão de ECU, mas todos estes esforços terão sido em vão sem o envolvimento de todas estas redes de entajuda, de todas estas associações culturais e desportivas que fazem a riqueza e a força das nossas comunidades rurais.” <

(1) “Olivier!”, criação de Lionel Bart.

(2) Esta língua do grupo germânico ocidental, a meio caminho entre o inglês e o holandês, é compreendida por 94%, falada por 73% e utilizada correntemente por 54% dos habitantes da província da Frísia (segundo um estudo de 1984). Aguardando estatuto oficial, o frísio é ensinado em numerosos estabelecimentos escolares e beneficia de um reconhecimento administrativo e jurídico ao nível provincial. É a língua de comunicação maioritária em grande parte das zonas rurais frísias.

(3) Geert Mak, “Hoe God uit Jorwerd verdween”, 1996, Atlas van de Litteratuur, Postbus 13, 1000 AA Amsterdão. A obra faz referência às mudanças de valores (diminuição da influência religiosa, nomeadamente) observadas no meio rural holandês.

Superfície do território: 518 km²

População: 76 880 habitants

Financiamento LEADER II: 14 089 900 ECU

UE: 2 612 489 ECU - **Outros fundos públicos:** 5 843 772 ECU

Privado: 5 633 640 ECU

LEADER II Friesland

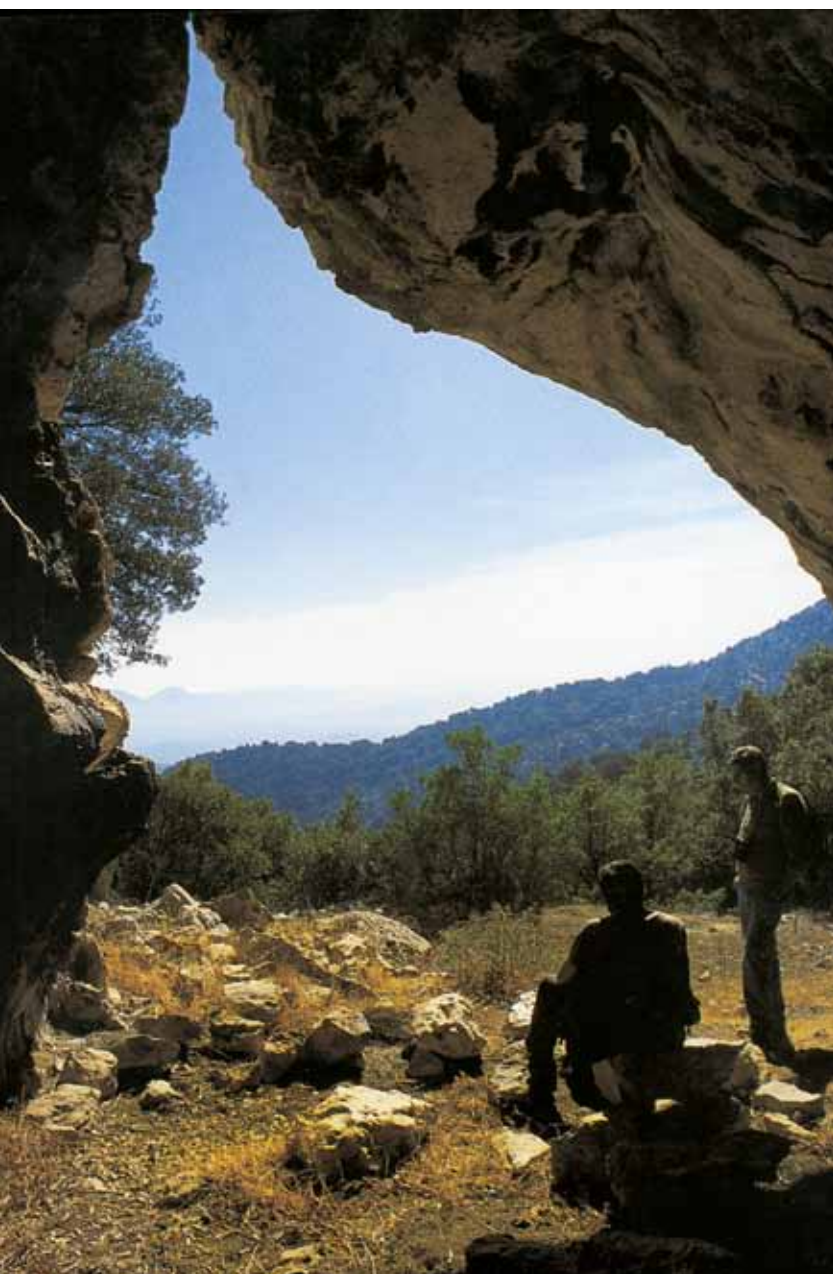
Provinsje Fryslân

Postbus 20120, NL-8900 HM Leeuwarden

Tel: +31 58 292 52 89 – Fax: +31 58 292 56 32

O património no coração do desenvolvimento da B a reconquista do i

O desenvolvimento turístico do litoral tende a asfixiar as zonas interiores da Sardenha. A valorização do seu património natural, cultural e histórico poderá contribuir para travar esta tendência, atraindo os veraneantes para o interior e fornecendo à costa produtos locais de qualidade. É a estratégia do grupo LEADER Barbagia-Baronie.



Luciano Decandia não se cansa de percorrer a praia de Cinta, quatro quilómetros de areia branca que se estende entre as águas cor turquesa do mar Tirreno e uma lagoa onde vivem centenas de flamingos cor de rosa; em frente, a ilha de Tavolara, gigantesco bloco cinzento, pedaço da Sardenha que parece desafiar Roma situada a 150 milhas marítimas em linha recta. Arquitecto, Luciano usufrui plenamente do progresso recente da localidade junto à praia, San Teodoro, a sua terra natal. *"2500 habitantes no inverno mas 60 000 ou mais em Agosto e cerca de 7 000 vivendas construídas nos últimos 15 anos para responder à procura..."*

O nordeste da ilha da Sardenha tornou-se um destino na moda desde que um consórcio formado por Aga Khan valorizou, a partir de 1961, a "Costa Smeralda", construindo de raiz vários complexos turísticos de topo de gama. Felizmente, não existem aqui altas torres que desfiguram a paisagem: o turismo de grande luxo não é compatível com o betão. O desenvolvimento turístico que cobre presentemente as aldeias situadas a sul da "Costa de Esmeralda" também poupou relativamente o ambiente do litoral. Alguns habitantes vigiam para que assim aconteça: Luciano é membro do Conselho de Administração do Istituto delle Civiltà del Mare (ICIMAR), associação criada em 1989 por trinta residentes preocupados com o desenvolvimento sustentável de San Teodoro e dos seus arredores. Além das suas publicações, conferências e ligações estreitas que mantêm com diversos estabelecimentos dedicados ao estudo e defesa dos meios aquáticos e insulares, a associação (300 membros) dirige a criação de um parque natural marinho como os 6 que já existem na Europa. *"O projecto está quase a vingar, afirma Salvatore Brandanu, presidente da ICIMAR, e o LEADER teve grande influência."*

A Iniciativa Comunitária contribuiu com 223 000 ECU para a construção, à entrada da praia, de um "Museu do Mar" que serve para já de "Casa do Parque Marinho".

"Trata-se do último projecto que realizámos no âmbito do LEADER I", explica Gino Dau, director do grupo de acção local. "Não foi inicialmente programado. A desvalorização da lira em 1995 aumentou o valor da nossa subvenção, gerando um aumento de 447 milhões de liras.

Barbagia-Baronie [Sardenha, Itália]:

Interior

Pedimos então aos municípios () que propusessem uma acção rapidamente realizável. San Teodoro já dispunha de um projecto pronto: criar um 'Centro da Vida Marinha', composto por um museu, uma biblioteca, um anfiteatro, salas de conferência e um aquário. Foi construído um vasto edifício moderno em forma de prisma entre Maio e Outubro de 1996. Pertence ao município, mas a gestão é da responsabilidade da ICIMAR. Quanto à instalação do aquário, começou em Outubro de 1997 no âmbito do LEADER II.*

Turismo itinerante

Este complexo é a segunda infra-estrutura colectiva importante financiada pelo LEADER em San Teodoro: em 1994, a iniciativa comunitária já tinha permitido a instalação num antigo edifício do centro da cidade de um posto de turismo desempenhando simultaneamente a função de local de exposições, de posto de venda para os produtos da zona LEADER e de antena local para o GAL. Único município costeiro da zona Leader II, San Teodoro é de certa maneira uma vanguarda para o conjunto da região da Barbagia.

Esta "terra dos bárbaros", assim nomeada pelos Romanos que nunca a conseguiram verdadeiramente controlar, é um território muito heterogéneo, que podemos dividir em três sub-conjuntos: a costa, em expansão; uma zona intermediária de colinas cuja população continua estável porque os activos fazem diariamente a ligação com o litoral; a zona montanhosa (altitude média: 1 000 m), que não pára de se despovoar, em benefício da beira-mar. O presidente Giosué Ligios descreve a estratégia do GAL: *"em termos de criação de infra-estruturas, privilegiamos a zona montanhosa, onde é urgente intervir, mas as três zonas devem interagir mutuamente: o litoral constitui uma fonte de potenciais visitantes para o interior; e este é um fornecedor de todos os tipos de produtos locais para a costa. A 'verdadeira' Sardenha está aqui, com as suas paisagens, os seus vestígios históricos, as suas tradições, os seus saber-fazer particulares. Valorizando este património, procuramos desenvolver um turismo itinerante e criar novas actividades nas aldeias mais afastadas."*

Com uma população que passou dos 900 para os 300 habitantes em menos de 20 anos, Osidda é considerada como uma das aldeias mais ameaçadas da zona LEADER. Se o isolamento e a emigração são em grande parte responsáveis por este declínio, permitiram também que a aldeia escapasse ao betão: Osidda conservou uma certa harmonia arquitectónica, um trunfo que o grupo de acção local soube capitalizar. Graças ao LEADER, que se responsabilizou por 75% dos custos da operação (250 000 ECU), 13 edifícios de carácter que estavam ao abandono foram completamente restaurados no centro



Produtos
de montanha
de qualidade

da aldeia. Além de 60 camas criadas, o projecto inclui um restaurante, um local de exposição e um posto de venda para os produtos locais. 9 proprietários agruparam-se em cooperativa para assegurar colectivamente a gestão e promoção dos seus alojamentos, tendo participado no Salão internacional do turismo de Milão. Os primeiros turistas vieram no Verão de 97 mas constatou-se ser necessário enfrentar um enorme desafio: a animação das estadias. Estão assim em preparação vários itinerários pedestres ou por estrada, ligando alguns sítios naturais e históricos a partir da aldeia.

Nuraghi

O património arqueológico é um grande trunfo para a Barbagia: a Sardenha é a região dos "nuraghi", construções da idade do bronze em forma de cone truncado, constituídas por pedras rectangulares empilhadas sem qualquer espécie de cimento.

Foram recenseados cerca de 7 000 nuragues na ilha e a sua densidade é particularmente elevada na zona LEADER, que conta também com "túmulos de gigantes", grandes sepulturas nurágicas.

Importantes vestígios do baixo nurágico (2000 anos a.C.) foram descobertos recentemente perto de Osidda: Su Romanzesu corresponde a um vasto povoado construído em torno de um poço sagrado, rodeado por degraus a vários níveis.

Consciente do valor deste sítio completamente inexplorado, o grupo de acção local decidiu em 1994 valorizá-lo, instalando aí em primeiro lugar um centro de acolhimento. Após longas e pacientes tentativas para convencer os proprietários dos terrenos que abrangem o sítio, o GAL encontrou finalmente os portadores do projecto: Arcangelo Demurtas, veterinário e criador bovino, e a sua esposa, Meloni Fellucia, professora.

— A concepção do projecto resume bem a importância atribuída pelo grupo LEADER ao património e à continuidade histórica: poderiam limitar-se a construir um simples edifício moderno; mas decidiram-se pela construção de uma quinta sarda tradicional em granito. O resultado é, com efeito, surpreendente: construídos entre Setembro de 1995 e Fevereiro de 1996, os diferentes edifícios do Centro nurágico de Su Romanzesu parecem ter realmente cem anos. Abrigam um café-restaurant, um anfiteatro com fins pedagógicos e um pequeno museu da vida rural que reúne vários instrumentos e objectos artesanais oferecidos ou emprestados pelos habitantes dos arredores. Aberto ao público desde Janeiro de 1997, o Centro já acolheu 3 000 visitantes em 10 meses.

“Sem a ajuda do LEADER, que forneceu 220 000 ECU, ou seja cerca de 60% dos custos de investimento, nunca teríamos dado o salto”, reconhece Arcangelo. “Três coisas nos motivaram: permitir que os nossos cinco filhos ganhem aqui a sua vida; alargar os seus horizontes acolhendo todos os tipos de visitantes; contribuir para o desenvolvimento económico da nossa aldeia... No que respeita à segunda razão, começámos bem: recebemos na Páscoa a visita de Eric Clapton, que veio à Sardenha gravar um disco com os “Tenores di Bitti!”.

Terra pintada

Com 3 838 habitantes, Bitti é a maior povoação da zona. Também aqui o LEADER participou no financiamento de vários projectos ligados à valorização do património. Para além da criação de um museu da vida rural, de grande envergadura (onde uma dezena de salas reconstituem os interiores tradicionais das casas), o GAL apoiou a instalação de três jovens artesãos ceramistas num antigo moinho desactivado desde 1982. Aqui, faz-se com muito bom gosto a ligação entre o passado e o presente: as olarias da empresa “Terra pintada” sabem conciliar harmoniosamente tradição e modernidade e os antigos equipamentos do moinho foram convertidos em expositores e outras comodidades, conferindo à loja-oficina uma atmosfera pós-moderna. *“Brincamos um pouco com a tradição”,* graceja Giulia Carzedda, uma dos três associados de Terra Pintada. *“A cerâmica é uma actividade corrente na maioria das aldeias da Barbagia mas não em Bitti. Dispondo já de um moinho, a nossa primeira ideia era convertê-lo num hotel. Entrámos em contacto com o grupo LEADER para examinar as ajudas possíveis. Rapidamente concluímos que era preferível reorientar o projecto para esta actividade que corresponde melhor ao lugar e às nossas aspirações e competências: dois de nós são formados em belas-arts e a cerâmica é a nossa paixão comum.”*

O LEADER forneceu 50 000 ECU para a reabilitação do edifício, aquisição de um forno eléctrico de boa qualidade e produção de material promocional. A jovem empresa é, contudo, ainda muito frágil, à semelhança de outras iniciativas apoiadas na Barbagia Baronia: *“a nossa clientela é ainda muito local, os turistas ainda são poucos, é preciso saber vender na costa e no continente...”*, afirmam vários empresários contactados.

Articulações

Gino Dau resume o trabalho efectuado mas também os esforços ainda por realizar: *“dispomos presentemente de uma oferta interessante em termos de infra-estruturas, alojamentos, produtos artesanais, etc. Aumentámos ou consolidámos as competências dos operadores, dedicando uma parte importante do nosso orçamento – 270 000 ECU, LEADER I e LEADER II juntos – à formação. Em colaboração com as autarquias e alguns organismos públicos de promoção, tais como “ProLoco” (turismo) e ISOLA (Instituto Sardo do Trabalho Artesanal), criámos dispositivos para a promoção e comercialização dos produtos da montanha: postos de venda, criação de um consórcio reunindo 22 operadores turísticos, publicação e distribuição de material promocional, excursões organizadas a partir de San Teodoro e de Nuoro... Mas é ainda necessário desenvolver um grande esforço para “reconquistar o interior”, intensificar os fluxos turísticos provenientes do litoral, “irrigar economicamente” este interior.”*

“Amplificação do LEADER I”, segundo os termos empregues pelos responsáveis do GAL, o LEADER II privilegia mais as articulações entre as acções realizadas ou iniciadas: a criação de itinerários temáticos integrando sítios de interesse turístico, alojamento e visitas de produtores na quinta (queijos, pão “carasau”, plantas medicinais, etc.), é cada vez mais uma prioridade. A este propósito, o GAL Barbagia Baronia considera também muito importante participar na Rede LEADER, para poder beneficiar do saber-fazer de outros grupos locais nesta questão particular: *“os Sardos são pessoas prudentes e discretas”,* acentua Giosué Ligios, *“devemos em primeiro lugar ter algum êxito ao nosso nível local antes de tentar convencer os nossos concidadãos das boas intenções da nossa abordagem. Com a força das nossas realizações, estamos prontos agora para comunicar e enriquecer a nossa experiência.”* <

(*) O território LEADER I abrange 15 municípios. Com o LEADER II, foi dividido por duas entidades. A zona Barbagia-Baronia conta actualmente com 7 municípios, todos situados no interior, à excepção de San Teodoro.

Superfície do território: 779 km²
População: 14 092 inhabitants
Financiamento LEADER II: 2 595 000 ECU
UE e outros fundos públicos: 2 183 000 ECU
Privado: 412 000 ECU

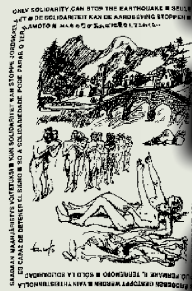
GAL Barbagia-Baronia
Via Brigata Sassari 55
I-08100 Nuoro (NU)
Tel: +39 784 39 477 – Fax: +39 784 39 476

Itália: solidariedade com as vítimas do tremor de terra

A associação dos GAL italianos, Assoleader, lança um apelo a todos os grupos LEADER europeus, a fim de ajudarem as vítimas do tremor de terra e contribuírem para a reconstrução das zonas sinistradas (sobretudo em Úmbria e em Marches). Concretamente, trata-se da venda de uma T-shirt desenhada por Dario Fo, Prémio Nobel da Literatura, onde se insere, em todas as línguas oficiais da União, a frase “So a solidariedade pode parar o terramoto”. Estas T-shirts podem ser “personalizadas” em função de cada território, acontecimento, etc. onde sejam comercializadas. Podem servir de suporte a campanhas locais na imprensa, rádio e televisão. Os fundos assim recolhidos serão entregues ao Comité de solidariedade

(Comitato per una Cultura di Solidarietà, Via Pian della Genna 4/g, Perugia, Itália). Foi lançada uma campanha mundial, mas os retransmissores locais representados pelos grupos LEADER são essenciais para cobrir todo o terreno e solidarizar o conjunto do mundo rural europeu.

Contacto: Maurizio Giannini, Assoleader,
Via dei Gigli d'Oro 21, I- 00186 Roma.
Tel: 00 39 6 68 32 565;
Fax: 00 39 6 68 96 248;
E-mail: assoleader@assoleader.it;
Web: www.solidarit.it



O motivo da T-shirt de solidariedade desenhada por Dario Fo

Espanha e França: unidades nacionais operacionais

Estão operacionais desde Janeiro de 1998 duas novas unidades nacionais de animação LEADER:

- > em Espanha, a animação da rede LEADER foi confiada em Dezembro de 1997 à empresa pública TRAGSATEC que trabalha em estreita cooperação com o Ministério da Agricultura.
Contacto: Javier Urbiola, TRAGSATEC, C/Ventura Rodríguez 7, E-28008 Madrid. Tel: 00 34 1 396 35 12;
Fax: 00 34 1 396 37 05; E-mail: etp@tragsatec.es
- > em França, a animação nacional da rede LEADER foi confiada a um agrupamento coordenado por um gabinete de estudos, BDPA (filial do Grupo Caixa de Depósitos), que

trabalha em parceria com uma sociedade de ordenamento regional (SOMIVAL) e uma associação nacional de desenvolvimento rural (ANDAFAR). Por outro lado, a recolha e o tratamento dos dados sobre o LEADER em França continuam a ser assegurados pelo CNASEA, estabelecimento público dependente do Ministério da Agricultura.
Contacto: Pascal Roumeguère, coordonnateur, Unité d'animation LEADER, BDPA, 27 rue Louis-Vicat, F-75738 Paris CEDEX 15. Tel: 00 33 1 46 48 58 34;
Fax: 00 33 1 46 38 34 82; E-mail: bdpa@bdpa.fr

Seminários LEADER

O Observatório Europeu LEADER organizará até Outubro de 1998 uma série de seminários. Cada um destes encontros decorre numa zona cujo GAL possui experiência pertinente para o tema tratado. Os programas, línguas e local definitivos estarão disponíveis dois meses antes da data em que decorrerá a actividade. (**Contacto:** Observatório Europeu LEADER, Unidade “Organização”).

- > **“Para um desenvolvimento sustentável: a escolha das energias renováveis”**
Datas: 27-31 de Maio de 1998. *Línguas:* sueco/inglês/espanhol. *Local:* GAL Norra Bohuslän (Vaestsverige, Suécia).

- > **“Mutações do emprego e novas tecnologias”**
Datas: 17-21 de Junho de 1998. *Línguas:* inglês/espanhol/francês. *Local:* GAL Western Isles, Skye & Lochalsh (Escócia, Reino Unido).
- > **“Responder às situações de exclusão nos territórios rurais”**
Datas: 30 de Setembro-4 de Outubro de 1998. *Línguas:* inglês/francês/italiano. *Local:* GAL South Mayo (Irlanda).

Publicações LEADER II (para relembrar)

- > Guia “Acções Comunitárias e Desenvolvimento Rural” (Preço: 1 800 Francos belgas (FB)/cerca de 45 ECU)
- > Guia “Acções inovadoras de Desenvolvimento Rural” (Preço: 1 800 FB/cerca de 45 ECU)
- > “Avaliar o potencial turístico de um território” (guia metodológico). (Preço: 300 FB/cerca de 7,5 ECU)
- > “Cooperação transnacional entre territórios rurais” (guia metodológico) (Preço: 300 FB/cerca de 7,5 ECU)

- > “A organização colectiva de uma acção para a valorização local dos recursos agrícolas: o exemplo da transformação do queijo” (“Inovação em meio rural” – Caderno n.º 1). (Preço: 300 FB/cerca de 7,5 ECU).
- > “Organizar a parceria local” (“Inovação em meio rural” – Caderno n.º 2). (Preço: 300 FB/cerca de 7,5 ECU).
- > “Inovação e desenvolvimento rural” (Caderno do Observatório). (Preço: 300 FB/cerca de 7,5).

INFORMAÇÕES:

OBSERVATÓRIO
EUROPEU LEADER
Chaussée Saint-Pierre 260
B-1040 Bruxelas
Tel.: +32.2.736 49 60
Fax: +32.2.736 04 34

E-Mail:
leader@aaidl.be

World Wide Web:
<http://www.rural-europe.aaidl.be>

“Rural Europe”: o LEADER em linha e em 6 línguas

As publicações (LEADER Magazine, INFO-LEADER, os cadernos técnicos, etc.), o programa das actividades, a lista actualizada de todos os beneficiários LEADER aprovados, assim como diferentes bases de dados são consultáveis em linha e em 6 línguas (francês, inglês, alemão, espanhol, italiano e português) na Internet. Estão também abertos vários fóruns.

Nome: LEADER

(Ligação Entre Acções de Desenvolvimento da Economia Rural)

Tipo de programa: Iniciativa Comunitária

Territórios abrangidos: regiões de Objectivo 1 (com atrasos de desenvolvimento), zonas de Objectivo 5b (zonas rurais frágeis) e zonas de Objectivo 6 (zonas nórdicas de muito baixa densidade populacional) da União Europeia. 10% das verbas destinadas às zonas de Objectivo 5b podem contudo ser afectadas a territórios limítrofes não elegíveis.

Objectivos: na continuidade do LEADER I (1991-1994), o LEADER II visa:

- > encorajar as iniciativas locais de desenvolvimento rural exemplares;
- > apoiar operações inovadoras, demonstrativas e transferíveis que revelem as novas vias a adoptar pelo desenvolvimento rural;
- > multiplicar os intercâmbios de experiências e a transferência de saber-fazer;
- > apoiar projectos de cooperação transnacional resultantes dos actores locais das zonas rurais e que traduzam a sua solidariedade.

Beneficiários: o LEADER II pode financiar duas categorias de beneficiários:

- > em primeiro lugar, os “grupos de acção local”, a saber, um conjunto de parceiros públicos e privados que definem em comum uma estratégia e medidas inovadoras para o desenvolvimento de um território rural de dimensão local (com menos de 100 000 habitantes);
- > outros actores colectivos, públicos ou privados, do meio rural (autarquias, agrupamentos profissionais e sectoriais, cooperativas, associações, etc.), desde que a sua acção, mais temática, se inscreva numa lógica de desenvolvimento ao nível de um território local.

Tipo de medidas: aquisição de competências em matéria de desenvolvimento rural, programas de inovação rural (formação profissional, turismo rural, apoio às pequenas empresas, valorização das produções agrícolas, silvícolas e da pesca local, melhoria do ambiente e do quadro de vida, etc), cooperação transnacional.

As diversas componentes do LEADER II articulam-se em torno de uma “Rede Europeia de Desenvolvimento Rural” permitindo uma ampla difusão (seminários, intercâmbios, publicações) das acções inovadoras empreendidas a favor do mundo rural e facilitando as cooperações transnacionais. Esta rede é animada pelo “Observatório Europeu LEADER”.

Duração do programa: 6 anos (1994-1999)

Dotação de origem comunitária: cerca de 1 755 milhões de ECU (dos quais mais de 1 000 milhões para as regiões de Objectivo 1) financiados pelos três Fundos Estruturais.



Observatório Europeu



**Comissão Europeia
DG VI Agricultura**

LEADER magazine é a revista trimestral do programa de desenvolvimento rural LEADER II. - O **LEADER II** (“Ligação Entre Acções de Desenvolvimento da Economia Rural”) é uma Iniciativa Comunitária lançada pela Comissão Europeia e coordenada pela sua Direcção-Geral de Agricultura (Unidade VI-F.1.1) - O conteúdo do LEADER MAGAZINE não reflecte necessariamente as opiniões das instituições da União Europeia - **Direcção da redacção:** A.E.I.D.L./ Observatório Europeu LEADER - **Editor responsável:** William Van Dingenen, A.E.I.D.L., Chaussée Saint-Pierre 260, B-1040 Bruxelas - **Jornalismo:** Jean-Luc Janot - **Colaboraram neste número:** Yves Champetier, Michael Dower, Francisco Dominguez, Monique Le Clézio, Emmanouil Yalitis - **Fotografias:** grupos LEADER, Bord Failte, Campagne Campagne, Michael Dower, Peak National Park - **Fotografia da capa:** ZEFA - © Benelux Press BVBA - **Coordenação da produção:** Christine Chartier - **Concepção gráfica:** Kaligram - Impresso na Bélgica em papel branqueado sem cloro - O **LEADER magazine** é publicado nas onze línguas da União Europeia e tem uma tiragem de 30 000 exemplares. - **Informações:** LEADER magazine, A.E.I.D.L., Chaussée St. Pierre 260, B-1040 Bruxelas, Bélgica. Tel: +32.2 736 49 60. Fax: +32.2. 736 04 34. E-Mail: leader@aeidl.be - WWW: <http://www.rural-europe.aeidl.be>